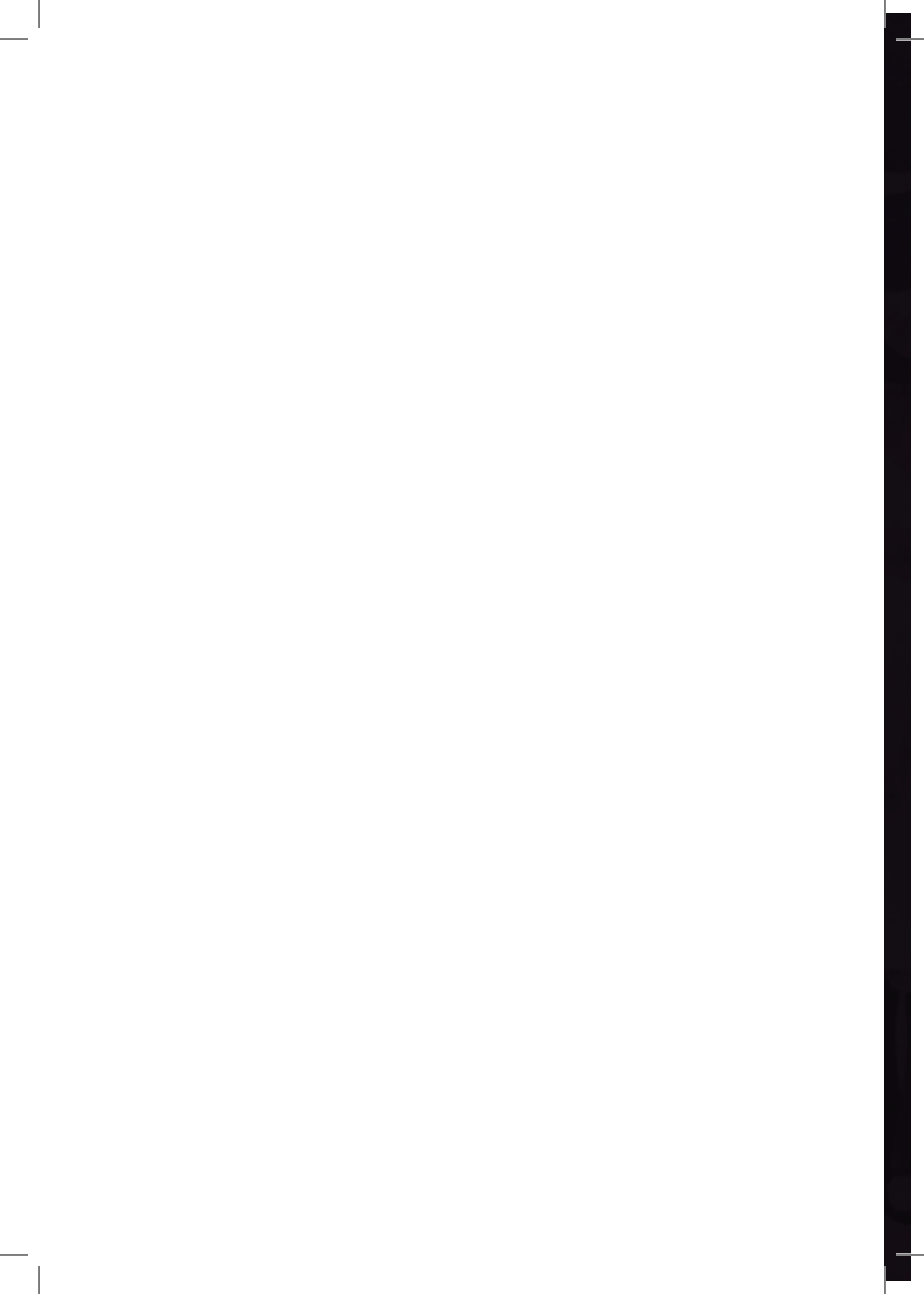


HISTÓRIA DA SAÚDE

**RELAÇÕES DE GÊNERO, EDUCAÇÃO,
PERSONAGENS E INSTITUIÇÕES**



HISTÓRIA DA SAÚDE

**RELAÇÕES DE GÊNERO, EDUCAÇÃO,
PERSONAGENS E INSTITUIÇÕES**

Organizadores

Ricardo dos Santos Batista
Christiane Maria Cruz de Souza
Cleide de Lima Chaves
Luiz Otávio Ferreira

 Editora
DEVIRES

HISTÓRIA DA SAÚDE
RELAÇÕES DE GÊNERO, EDUCAÇÃO, PERSONAGENS E INSTITUIÇÕES

Organizadores

Ricardo dos Santos Batista, Christiane Maria Cruz de Souza,
Cleide de Lima Chaves, Luiz Otávio Ferreira

Editor: Gilmaro Nogueira

Diagramação e capa: Daniel Rebouças

Imagem da capa: Centro de Documentação da Casa de Oswaldo Cruz.

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Carlos Henrique Lucas
Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB

Prof. Dr. Djalma Thürler
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profª. Dra. Fran Demétrio
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Prof. Dr. Helder Thiago Maia
USP - Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Hilan Bensusan
Universidade de Brasília - UNB

Profª. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus
Instituto Federal Rio de Janeiro – IFRJ

Profª. Dra. Joana Azevedo Lima
Devry Brasil – Faculdade Ruy Barbosa

Prof. Dr. João Manuel de Oliveira
CIS-IUL, Instituto Universitário de Lisboa

Profª. Dra. Jussara Carneiro Costa
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Prof. Dr. Leandro Colling
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profª. Dra. Luma Nogueira de Andrade
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia

Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dr. Marcio Caetano
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Profª. Dra. Maria de Fatima Lima Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Dr. Pablo Pérez Navarro
Universidade de Coimbra - CES/Portugal
e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/Brasil

Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva
Faculdade de Educação

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

H578 História da saúde : relações de gênero, 1.ed. educação, personagens e
1.ed. instituições / organizadores Ricardo dos Santos Batista...[et al.]. –
Salvador, BA : Devires, 2023.
296 p.; 16 x 23 cm.

Outros organizadores: Christiane Maria Cruz de Souza, Cleide de
Lima Chaves, Luiz Otávio de Ferreira.
ISBN : 978-85-93646-41-6

1. Educação em saúde. 2. Relações de gênero. 3. Saúde – História.
I. Batista, Ricardo dos Santos. II. Souza, Christiane Maria Cruz de. III.
Chaves, Cleide de Lima. IV. Ferreira, Luiz Otávio de. I. Título.

02-2023/70

CDD 613.07

Índice para Catálogo Sistemático :

1. Saúde : Bem-estar : História 613.07

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que
citada a fonte. Direitos para essa edição cedidos à Editora Devires.

**editora**
DEVIRES

Av. Ruy Barbosa, 239, sala 104, Centro – Simões Filho – BA
www.editoradevires.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
-------------------	----------

PARTE I HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NO BRASIL

CAPÍTULO 1	17
-------------------	-----------

Notas sobre a enfermagem na Bahia, da segunda metade do século XIX à segunda década do século XX
CHRISTIANE MARIA CRUZ DE SOUZA

CAPÍTULO 2	43
-------------------	-----------

Estado, política de saúde e o trabalho profissional da enfermeira no Brasil: apontamentos histórico-críticos
NILDO BATISTA MASCARENHAS

CAPÍTULO 3	61
-------------------	-----------

Haydée Guanais Dourado e criação da Escola de Enfermagem da Bahia (1946-1947): conexões locais, nacionais e internacionais
RICARDO DOS SANTOS BATISTA
LUIZ OTÁVIO FERREIRA

PARTE II MULHERES, MATERNIDADES E INFÂNCIAS

CAPÍTULO 4	79
-------------------	-----------

A medicina da mulher na Bahia (séculos XIX e XX) e a questão das mulheres na ciência
SHAYANA BUSSON

CAPÍTULO 5	99
-------------------	-----------

“Um posto de puericultura em cada município”: o programa do DNCr para a assistência materno-infantil na Bahia, 1940-1950
LIDIANE MONTEIRO RIBEIRO

CAPÍTULO 6	121
-------------------	------------

A medicalização do parto no interior da Bahia (1930-1950)
CLEIDE DE LIMA CHAVES

PARTE III ARTES DE CURAR NA BAHIA

CAPÍTULO 7	143
-------------------	------------

Informar para ilustrar: as ações pedagógicas da *Gazeta Médica da Bahia* no combate às práticas não oficiais de cura (1866-1890)
ANDERSON GONÇALVES MALAQUIAS
MARIA RENILDA BARRETO

CAPÍTULO 8 **165**

Um curador itinerante: professor Faustino e seus caminhos por Nazaré, Cachoeira, Alagoinhas e Catu, no interior da Bahia (1903)
RAFAEL ROSA DA ROCHA

PARTE IV
DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA, SAÚDE E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 9 **183**

Quando a saúde encontra a educação: Alfredo Ferreira Magalhães, a Escola Normal da Bahia e o jornal *O Petiz* (Salvador entre as décadas 1890-1930)
VIRLENE CARDOSO MOREIRA

CAPÍTULO 10 **207**

“A saúde é o melhor bem da vida”: propagandas e a educação sanitária no Vale do São Francisco. 1920-1930
ANA CLARA FARIAS BRITO

PARTE V
SAÚDE: ENTRE AGENTES E INSTITUIÇÕES

CAPÍTULO 11 **231**

Os agentes da vacinação e as vacinas no sertão do rio São Francisco oitocentista
LINA MARIA BRANDÃO DE ARAS
RAFAEL SANCHO CARVALHO DA SILVA

CAPÍTULO 12 **249**

A loucura em manchetes: trajetórias de alienados no *Gazeta de Notícias Sociedade Anonyma* (1913)
PATRICK MORAES SEPÚLVEDA

CAPÍTULO 13 **265**

Serviço de Saneamento rural nos “sertões” do Brasil: os postos de profilaxia rural chegam ao Recôncavo da Bahia (1921-1930)
JOSIEL MENEZES DA SILVA
RICARDO DOS SANTOS BATISTA

SOBRE OS (AS) AUTORES (AS) **293**

INTRODUÇÃO

Este livro nasceu de um projeto coletivo que articula um mesmo grupo de pesquisadores da História da Saúde em diferentes espaços institucionais. O primeiro deles é o Grupo de Pesquisa “História da Assistência à Saúde no Brasil”, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e sediado pela Casa de Oswaldo Cruz/RJ, onde projetos foram concluídos e outros continuam a ser desenvolvidos, a exemplo de “A interiorização da assistência: um estudo sobre a expansão e a diversificação da assistência à saúde no Brasil (1850-1945)” e de “A trajetória de Haydée Guanais Dourado (1915-2004) e a institucionalização da enfermagem moderna no Brasil, 1938-1988”, ambos coordenados pelo professor Luiz Otávio Ferreira.

Grande parte dos colaboradores da coletânea integra, igualmente, o Grupo de Trabalho de História da Saúde da Associação Nacional de História, seção Bahia (GT/ANPUH-BA), criado no X Encontro Estadual de História, ocorrido entre 20 e 23 de outubro de 2020. A institucionalização do GT na ANPUH-BA resultou da participação contínua de integrantes do grupo na coordenação de simpósios temáticos sobre história da saúde em eventos promovidos pela seção regional desde o V Encontro Estadual de História, realizado em 2010. As parcerias firmadas em encontros estaduais, nacionais e internacionais contribuíram para a coesão do grupo, enriqueceram e aprofundaram o conhecimento na área e fomentaram projetos de pesquisas e publicações. Entre os projetos em vigor figura o “História da Saúde na Bahia”, contemplado pelo Edital Universal 2018, do CNPq, processo 428804/2018-7, coordenado pelo professor Ricardo dos Santos Batista, que propôs, como produto, a publicação de livros como este, com a finalidade de devolver à sociedade o conhecimento elaborado no decorrer da pesquisa. As publicações dos resultados dessas e de outras pesquisas democratizam o acesso ao conhecimento produzido sobre a história da saúde na Bahia e conferem visibilidade ao trabalho realizado ao longo dos últimos decênios para expandir o campo da História das Ciências e da Saúde no Brasil e ampliar a compreensão da sua importância e função social.

Neste sentido, tem sido significativo o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores/professores que integram o GT de História da Saúde/ANPUH-BA nos cursos de graduação e pós-graduação de instituições públicas da Bahia. Cita-se como exemplo o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do

Estado da Bahia (PPGH-UNEB), Campus II, Alagoinhas, onde se tem orientado dissertações de mestrado cujos temas, abordagens e marcos teóricos se enquadram no campo da história da saúde, frutos do trabalho de formação de pesquisadores de Iniciação Científica e de Trabalhos de Conclusão de Curso desenvolvidos nesse e em outros Campus da UNEB. Esta coletânea conta com contribuições de egressos do PPGH-UNEB, bem como de trabalhos derivados de pesquisas de doutoramento em andamento e defendidas no Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Escrever sobre a história da medicina, da saúde e das doenças não é um ofício novo. Depois que o homem passou a dominar a escrita, se dedicou a registrar, dentre os eventos da vida, as doenças, os impactos das epidemias, bem como as formas de controlá-las e curá-las. Apresenta-se como exemplo a narrativa de Tucídides, em *A Guerra do Peloponeso*, sobre a “peste” que se propagou por Atenas, entre os anos 430 e 426 a.C., que influenciou as histórias de epidemias de seus predecessores (Slack, 1992, p. 9). Além de atribuir uma origem para a doença, contabilizar os doentes e os mortos, e destacar a ineficácia dos métodos profiláticos e terapêuticos adotados pelos médicos, o historiador grego descreveu sinais e sintomas da enfermidade com o objetivo de facilitar o reconhecimento e uma resposta mais ágil em surtos posteriores (Longrigg, 1992, p. 31).

Ao longo do tempo, os médicos também descreveram enfermidades, elaboraram relatos sobre epidemias e se interessaram pelo passado de sua profissão. Muitos desses trabalhos se tornaram importantes fontes documentais para investigadores da história da saúde. Entre o século XIX e princípios do XX, o conhecimento da história da medicina, vista então como “arte de curar”, era um sinal de erudição do médico. Atestava o aprendizado e a experiência de um cavalheiro, atributos diferentes e, de certa forma, superiores às habilidades mecânicas e às certezas unidimensionais do laboratório (Rosenberg, 1992, p. 1). Sob influência do Positivismo, médicos elaboraram narrativas em que destacavam os feitos “heroicos” de seus antecessores e a crescente capacidade da medicina para prevenir, controlar e curar doenças em decorrência do progressivo desenvolvimento científico e tecnológico (Rosenberg, 1992, p. 1; Porter, 1994, p. 1). Em tais trabalhos, eventos específicos eram eleitos como marcos e se ressaltava o significado intelectual de determinados indivíduos, sem considerar o contexto histórico em que os fenômenos ocorreram ou no qual as pessoas viveram, pensaram e atuaram (Rosenberg, 1992, p. 1).

Na década de 1950, surgiram grandes narrativas de progresso da medicina e da saúde pública – dos tempos pré-socráticos até os primeiros anos após a

Segunda Guerra Mundial –, produzidas por médicos eruditos, como René Sand e George Rosen, que ressaltaram a crescente capacidade da medicina para prevenir, controlar e curar doenças em decorrência do avanço da ciência (Porter, 1994, p. 1). Esses trabalhos, contudo, eram bem documentados e se afastavam da história descontextualizada das descobertas científicas dos médicos-historiadores positivistas. Seus autores partiam da perspectiva de que personagens, ideias e práticas médico-científicas não estão isentas de aspectos subjetivos e são influenciadas pelo contexto social, político e econômico em que estão inseridas.

Até a década de 1960, a História da Saúde era “paróquia” de médicos – investigada, escrita e voltada para estes profissionais da saúde. Após o advento dos *Annales* (1929), que promoveu o diálogo entre a história e outras áreas do conhecimento – antropologia, sociologia, ciência política, demografia, psicologia e economia –, abriu-se espaço para que os historiadores incorporassem e investigassem esse aspecto da vida, mas a história acadêmica continuou em grande parte centrada em temas relativos à política, à economia, às guerras e à diplomacia (Rosenberg, 1992, p. 2).

Contudo, o diálogo da história com as demais ciências humanas e sociais direcionou o olhar dos historiadores para o cotidiano das pessoas comuns, como vivem e morrem (Ariès, 2011, p. 273). Elegeram como objeto de estudo as crises de subsistência, a pobreza, a fome, as epidemias e a influência que exerciam sobre o nascimento e a mortalidade. Também ganharam relevância temas como as representações do corpo, a sexualidade, a infância, os antigos sistemas de medicina e as práticas de cura, a construção do corpo e seus simbolismos, os aspectos sociais e institucionais da medicina e suas relações com valores culturais e realidades socio estruturais.

Na década de 1970, o diálogo da história com a demografia e com a economia possibilitou a realização de análises quantitativas do evento epidêmico, relacionando a incidência de doenças, óbitos e medidas de saúde pública às mudanças demográficas ocorridas em determinado tempo e lugar. Já nas abordagens ecológicas da história global, a doença assumiu um papel-chave. Contribuições para o tema surgiram da interface entre estudos bioecológicos e históricos produzidos por historiadores que examinaram as epidemias, vinculando-as à exposição de populações não-imunes a agentes patogênicos desconhecidos. Esses foram introduzidos através das relações comerciais realizadas entre povos de territórios distintos, das guerras, das migrações e, sobretudo, das conquistas imperialistas, dos processos de colonização e das diásporas. Os estudos sobre as relações entre doenças e imperialismo revelaram novas percepções sobre o papel desempenhado pela biopolítica na opressão econômica, militar e política dos

povos subjugados. No mesmo período, novos problemas históricos começaram a desafiar a história heroica e progressista da medicina e da saúde pública. Críticas de viés marxista destacavam que a reforma da saúde pública propiciou o desenvolvimento de um governo burocrático autoritário e o aumento do poder dos médicos a respeito de questões de saúde (Porter, 1994, p. 3).

Na década de 1980, Jacques Le Goff, um dos mais importantes e influentes historiadores da terceira geração dos Annales, ponderou que o sofrimento e a morte causados pela enfermidade também faziam parte da experiência humana, portanto, a doença pertencia “não só à História superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à História profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às representações, às mentalidades”, à História (Le Goff, 1985, p. 8). O posicionamento de Le Goff se dá em contexto de vitórias e derrotas da medicina. Nesta década se conseguiu, finalmente, erradicar a varíola, mas também surgiu um novo flagelo – a Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS). Com isso, o interesse de historiadores por temas relativos à saúde e às doenças se intensificou, resultando em uma multiplicidade de trabalhos com temáticas e abordagens diversas, ao tempo em que foi-se constituindo específica e volumosa bibliografia, com fontes documentais, referenciais teóricos e métodos de pesquisa próprios, o que têm conformado e solidificado este ramo da História.

Tributário do desenvolvimento do campo de conhecimento atualmente chamado História da Saúde, este livro está dividido em cinco partes. A primeira, *História da enfermagem e relações de gênero no Brasil*, analisa transformações no campo da enfermagem no país, desde o século XIX até fins da década de 1940. O primeiro capítulo, escrito por Christiane Maria Cruz de Souza e intitulado *Notas sobre a enfermagem na Bahia, da segunda metade do século XIX à segunda década do século XX*, identifica pessoas que atuaram na enfermagem, assim como suas atribuições em instituições hospitalares da Bahia. A análise da autora demonstra, entre outros aspectos, como a enfermagem era vista como uma ação manual, de *status* inferior em relação ao trabalho desenvolvido por outras personagens da saúde.

Mesmo partindo de referenciais teóricos diferentes, os dois capítulos seguintes se articulam de tal forma que seria possível recomendar uma leitura conjunta, para uma compreensão mais ampla sobre os caminhos trilhados pela enfermagem no Brasil de inícios do século XX. Em *Estado, política de saúde e o trabalho profissional da enfermeira no Brasil: apontamentos histórico-críticos*, Nildo Batista Mascarenhas analisa a relação entre Estado, política de saúde e trabalho profissional da enfermeira no Brasil, nas décadas de 1920 a 1940, destacando as controvérsias em relação à identidade desta profissional, entre a

saúde pública e o trabalho hospitalar. Em *Haydeé Guanais Dourado e criação da Escola de Enfermagem da Bahia (1946-1947): conexões locais, nacionais e internacionais*, Ricardo dos Santos Batista e Luiz Otávio Ferreira elegem uma importante personagem da enfermagem brasileira para analisar a criação da atual Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA), destacando suas conexões com o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e com a Fundação Rockefeller.

A segunda seção se chama *Mulheres, maternidades e infâncias*. O capítulo 4, intitulado *A medicina da mulher na Bahia (séculos XIX e XX) e a questão das mulheres na ciência*, escrito por Shayana Busson, destaca o desenvolvimento de aparatos técnicos, manobras e intervenções em corpos grávidos, sob o prisma das inovações científicas advindas das instituições de medicina, além de apresentar posicionamentos de mulheres médicas sobre o assunto. Em seguida, Lidiane Monteiro Ribeiro escreve “*Um posto de puericultura em cada município*”: *o programa do DNCr para a assistência materno-infantil na Bahia, 1940-1950*, no qual analisa o modelo de posto de puericultura proposto pelo Programa do Departamento Nacional da Criança e discute a complexidade da elaboração de políticas públicas para assistência materno-infantil no período estudado. No capítulo 6, *A medicalização do parto no interior da Bahia (1930-1950)*, de autoria de Cleide de Lima Chaves, discute-se o surgimento da obstetrícia e da ginecologia como campos médicos especializados na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, nas primeiras décadas do século XX, em um contexto da medicalização do parto por parte do Estado e de outras instituições não-estatais.

A terceira parte é intitulada *Artes de Curar na Bahia*, composta por dois textos. O primeiro, *Informar para ilustrar: as ações pedagógicas da Gazeta Médica da Bahia no combate às práticas não oficiais de cura (1866-1890)*, de autoria de Anderson Gonçalves Malaquias & Maria Renilda Barreto, analisa os esforços operados pelo periódico médico baiano para instruir, disciplinar e promover a profissionalização da classe médica, bem como as estratégias utilizadas pelos seus idealizadores na repressão das práticas de cura não oficiais, durante a segunda metade do século XIX. No capítulo 8, *Um curador itinerante: professor Faustino e seus caminhos por Nazaré, Cachoeira, Alagoinhas e Catu, no interior da Bahia (1903)*, Rafael Rosa da Rocha acompanha a trajetória do professor Faustino pelo interior da Bahia, ao oferecer curas com a imposição das mãos, identifica as diferentes formas como ele foi recepcionado, assim como os arranjos que tentou forjar com membros das elites locais.

Na quarta parte, *Diálogos entre História, Saúde e Educação*, são apresentadas diferentes possibilidades de articulação entre os campos da Educação e da Saúde,

em perspectiva temporal. No capítulo de Virlene Cardoso Moreira, *Quando a saúde encontra a educação: Alfredo Ferreira Magalhães, a Escola Normal da Bahia e o jornal O Petiz (Salvador entre as décadas 1890-1930)*, a autora analisa as ações desempenhadas pelo médico Alfredo Magalhães para uma educação sanitária marcada pela eugenia, tanto na Escola Normal da Bahia, quanto no jornal *O Petiz*. No capítulo 10, “*A saúde é o melhor bem da vida*”: *propagandas e a educação sanitária no Vale do São Francisco. 1920-1930*, Ana Cara Farias Brito analisa a propaganda de medicamentos veiculada pelo periódico *O Pharol*, no Vale do São Francisco da Primeira República.

Saúde e doença: agentes e instituições em Salvador e nos “sertões” é o título da última seção do livro. Em *Os agentes da vacinação e as vacinas no sertão do rio São Francisco oitocentista*, Lina Maria Brandão de Aras & Rafael Sancho Carvalho da Silva se debruçam sobre o processo de vacinação contra a varíola nos sertões do rio São Francisco, ao longo do século XIX. Os autores dão ênfase ao contexto sanitário e aos indivíduos que poderiam aplicar vacinas. No capítulo 12, *A loucura em manchetes: trajetórias de alienados no Gazeta de Notícias Sociedade Anonyma (1913)*, Patrick Moraes Sepúlveda dá ênfase ao desenvolvimento do conhecimento médico sobre a loucura, mas, principalmente, às estratégias adotadas por indivíduos definidos como loucos, em busca de condições melhores de vida. Por fim, em *Serviço de Saneamento rural nos “sertões” do Brasil: os postos de profilaxia rural chegam ao Recôncavo da Bahia (1921-1930)*, Josiel Menezes da Silva & Ricardo dos Santos Batista apresentam o saneamento do Recôncavo da Bahia a partir de cores locais. Eles mostram o surgimento do Posto de Profilaxia Rural de São Félix e as personagens que nele atuaram.

Mais que um procedimento acadêmico, a publicação deste livro apresenta o compromisso social de levar ao público em geral histórias de vida, de instituições e de elementos que compuseram a longa trajetória da saúde no Brasil, quando ela ainda não era vista como um direito. Desejamos uma leitura que provoque reflexões para nos auxiliar a pensar o hoje. Depois de quatro anos de negacionismos e de desprezo pela vida humana no curso da pandemia de COVID-19, novos rumos se abrem na saúde brasileira em 2023. Esperança!

Salvador, março de 2023.

Os organizadores

Referências

ARIÈS, P. A história das mentalidades. *In*: NOVAIS, F. A. & SILVA, R. F. (Orgs.). *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. pp. 268-95.

LE GOFF, J. (Org.). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1985.

LONGRIGG, J. Epidemic, ideas and classical Athenian society. *In*: RANGER, T. & SLACK, P. (Ed.). *Epidemics and ideas: essays on the historical perception of pestilence*. Cambridge [England], New York: Cambridge University Press, 1992. pp. 21-44.

PORTER, D. (ed.). *The history of public health and the modern state*. Amsterdam: Rodopi, 1994.

ROSENBERG, C. E. *Explaining epidemics and other studies in the history of medicine*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1992.

SLACK, P. Introduction. *In*: RANGER, T. & SLACK, P. (Ed.). *Epidemics and ideas: essays on the historical perception of pestilence*. Cambridge [England], New York: Cambridge University Press, 1992. pp. 1-20.

